

tive essa preocupação na minha atuação como jornalista, como professora de jornalismo, como pesquisadora de jornalismo: uma preocupação com os impactos da produção noticiosa.”

Docência

A revista *Campus Repórter*, produzida por estudantes de jornalismo da UnB, é outro projeto que orgulha Dione. As reportagens especiais que passaram pelas páginas da publicação já renderam prêmios, e a redação da revista se tornou um laboratório de formação de profissionais reconhecidos no mercado. “Ali exerci as funções de editora, professora e jornalista. Uma experiência riquíssima, em que formamos jornalistas que hoje se destacam e que passaram pela escola de reportagem que é a revista *Campus Repórter*”, avalia. “Nesse sentido, nunca deixei de ser jornalista, porque a minha atuação como professora é uma atuação como uma jornalista que é professora.”

A pandemia foi um capítulo à parte na carreira da professora. “Foi um momento em que me vesti novamente e muito fortemente no lugar de jornalista”, revela. Editoras, editores, diretoras, diretores e repórteres sentavam-se na cadeira virtual todos os dias para discutir a produção jornalística sobre o coronavírus e a covid-19. Equipes do Brasil e de fora, incluindo pesquisadores, pediam indicações, conselhos e trocavam experiências.

“Pessoas que não sabiam como chegar à imprensa para dar a pior das notícias, a que ninguém quer ouvir: que não era em uma semana, nem em 15 dias, nem em 30, nem em 60, nem em 90 e nem um ano que tudo acabaria. Então, foi um momento em que eu voltei o meu espírito e a minha vivência de jornalista para saber fazer essa ponte.”

Dione havia trabalhado, na década de 1990, em um projeto de comunicação e saúde, da Faculdade de Ciência e Saúde da UnB. O faro jornalístico e a experiência com o tema a fizeram perceber, logo que viu as primeiras notícias vindas da China, que o avanço da doença que se alastrava pelo país asiático seria devastador. “Eu tinha a opção de simplesmente colocar a minha máscara esperando a pandemia

Fotos: Arquivo pessoal



Dione, ao centro, com os pais, três irmãos e um amigo da família; ao lado, com a neta na posse como diretora da FAC/UnB



O pote de ouro

Ainda na infância, Dione fez uma grande descoberta. E foi o ensinamento do pai, o piauiense Diocleciano, e a perseverança da mãe, a baiana Mouranísia, que permitiram esse esclarecimento. “Minha mãe nasceu em 1929 e meu pai, em 1927. Eles nasceram uma década e meia depois da seca de 1915, em plena aridez, pico dessa estiagem. Então, eles trouxeram um pouco dessa sobrevivência e também da noção de que a educação era o caminho para sair disso”, relata a professora.

Eles próprios só fizeram o ensino básico, mas saíram da primeira série com uma ampla formação cultural e a caligrafia “majestosa”, conforme define a filha caçula. “Ambos tinham uma caligrafia muito bonita, uma fé na cultura e na educação como lugar de realização, como lugar de você crescer e ser alguém. E isso é algo que carreguei comigo”, garante.

Na formatura no Jardim de Infância de uma das filhas do meio, Seu Doca, pouco antes de morrer, comprou um presente especial: um anel de ouro cravejado com um pequeno rubi. “Faça essa conta: quanto valeu esse anel para ele? Nessa época, a nossa casa era numa rua sem asfalto, em chão batido, a parede não tinha pintura e era de palha de arroz com

tempo. “Vocês vão estudar, vocês vão estudar”, era o mantra que repetia a todo o tempo.

Não era esperado que os filhos de uma mulher negra viúva estudassem. Nem que virassem médico, engenheiro, professora, advogada e psicóloga, como aconteceu. “Goiânia era uma cidade culturalmente endurecida, preconceituosa mesmo”, observa Dione. O que esperava-se de uma mulher na situação de Dona Mourinha era que entregasse os filhos para outras famílias, o que significava que passariam a exercer tarefas domésticas ainda na infância e na adolescência. “A toda hora chegavam pessoas e a gente ouvia: ‘Posso pegar filha para cuidar?’”, conta Dione. “Era muito frequente, e eu via que ela reagia como uma leoa e falava: ‘Não! Meus filhos todos vão estudar’”. E as palavras de Mouranísia se escreveram. Ela morreu há cinco anos, depois de conseguir viver com saúde e fazer tantas das coisas que lhe davam prazer, das viagens à iôga.

Boa aprendiz

Mais do que tornar-se alguém, Dione levou tão a sério o ensinamento e o exemplo dos pais que enfrentou como uma missão o desafio de alavancar outras pessoas como ela ao lugar que a sociedade dizia e repetia que não pertenciam. “Eu trabalho para que mais pessoas tenham a educação como um lugar de ser alguém. Isso envolve uma educação que eu procuro que seja inclusiva, no sentido de dar uma atenção especial para estudantes que estejam com alguma dificuldade: parar, conversar, perguntar, ver se está precisando de uma bolsa, indicar, propor um projeto de pesquisa”, elenca.

E, como caçula comprometida, Dione fez da própria carreira o caminho para cumprir a missão que o pai deixou: “Cada vez que eu vejo um estudante que eu formei na graduação, na pós, no mestrado, no doutorado ou na supervisão de pós-doutorado encontrando o seu pote de ouro e percebo que fiz parte disso, eu me sinto realizada”. Durante a carreira de professora, já participou de mais de 200 bancas de trabalhos de conclusão de curso (TCC) e tantas outras cerimônias de apresentação de mestrado e de doutorado.

barro. Não tinha forro e o fogão era à lenha”, contextualiza Dione.

“Essa foi uma das últimas coisas que ele fez por nós, deixou essa memória: ‘Olha onde está a riqueza; a riqueza que eu vou deixar para você é um diploma’. Então, embora ele tenha ficado pouco tempo com a gente, construiu esse ideário da educação como o lugar onde estão os potes de ouro”, emociona-se a professora, que hoje é casada e tem cinco filhos e uma neta.

Caçula de seis irmãos, Dione perdeu, com a diferença de cerca de um mês, o irmão mais velho — filho de um relacionamento anterior do pai —, vítima da epidemia de meningite dos anos 1970; e o próprio pai, por problema cardíaco. Seu Doca deixou como herança uma fábrica de farinha em Goiânia. Dona Mourinha assumiu o negócio depois de viúva, contando com a ajuda de um tio de Dione, mas em seguida ele também faleceu. Restaram duas famílias órfãs de pai para as matriarcas sustentarem sozinhas.

Dona Mourinha vendeu motor e peças da fábrica para garantir a comida dos filhos. Pegou o caderninho do marido e saldou todas as dívidas da empresa antes de fechá-la em definitivo. Juntou dinheiro para comprar uma máquina de costura, que garantiu o sustento da família por um bom